12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O assalto aos clubs elegantes

Bandos de individuos, ao que parece filiados em associações secretas, apresentaram-se de revolver em punho nos "halls" dos grandes clubs de Lisbôa, exigindo contos de reis. A nossa pagina fixa esse momento de indiscritivel pânico, que tem o quer que seja de aventura de cinêma.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 7

LISBOA 1 DE MARÇO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

QUARTA-FEIRA DE CINZAS...

Vae pelo mundo, —(sem piada a "O Mundo„...),
uma tal comichão reformadôra,
e anda a gente em tamanha dobadoura,
e anda a terra num cahos tão profundo,

que embóra arranque á minha grenha loura
trez cabellos e meio por segundo,
não sei dizer como um cavar tão fundo
respeitou esta "quarta„ evocadôra...

Quarta feira de cinzas?! Eu sabia
que o calendario só consagra um dia
ás coisas principaes da historia humana.

Como é pois que esta "quarta„ mantivéram
os que em "feira de cinzas„ convertêram
todos os sete dias da semana?...

TAÇO

écos

TODA a imprensa se tem referido ao exito notavel que o «Domingo Ilustrado» tem obtido por parte do publico.

Dezenas de assinaturas nos chegam diariamente da provincia, apezar de nem sequer termos encetado a nossa propaganda nesse sentido. Faremos por corresponder ao bom favor dos colegas e do publico.

BELO Redondo, jornalista e reporter de merito, que na nossa linha de trabalhadores de imprensa ocupa um logar de destaque, colabora hoje nas nossas paginas com uma novela assente sobre factos reais observados na sua vida profissional.

De certo os leitores folgarão com a larga reportagem dos «bas-fonds» lisboetas que Belo Redondo explendidamente conhece e que vem erguer com a sua colorida forma literaria, nas nossas colunas.

LISBOA que é uma cidade de complexa psicologia deu esta semana uma grande nota da sua cultura: Foi a maneira como acorreu aos notaveis concertos do Teatro S. Luiz. Ha vinte anos julgavamos que uma exibição desta natureza não teria entre nós cultores do exito que acaba de premiar a tentativa do Dr. Ricardo Jorge (filho). Esta sintomatogia intelectual de Lisboa não é para desprezar. Bem ao contrario, só quem fôr cego da peor cegueira, a não verá com inteiro jubilo.

TIPOS DE BELEZA

O escultor: E' curioso V. Ex.ª tem precisamente as mesmas medidas que a Venus de Milo...

questão prévia

AGORA, que o carnaval passou, é dever do cronista, seguindo a tradição croniqueira, destilar alguns pensamentos filosoficos sobre a quadra foliona, em que todos fingiram divertir-se ou aborrecer-se, conforme a opinião das pessoas que estavam presentes.

Sem pretender encafuar num chinelo o celebre pensador La Rochefoucauld, tão citado e tão transcrito em todas as selectas para ensino da lingua francêsa, abriria estes obrigatorios comentarios com uma sentença bem cunhada, que exprime, o mais lapidarmente possivel, a minha impressão pessoal sobre o periodo de regabofe regulamentado da semana finda:

«O carnaval é como uma dôr de dentes: faz-nos sofrer, mas ao mesmo tempo consola-nos com a certeza de que ha-de passar.»

Depois de lerem o que fica escrito, tenham bondade de meter a mão na consciencia e de declarar se ainda sentem a necessidade de admirar Gustavo Le Bon e outros pensadores, que é de uso dar a conhecer ao publico em comprimidos doutrinarios.

* * *

Uma coisa que muito me aflige, desde que me entendo e desde que penetrei os misterios da letra redonda, é ouvir e vêr afirmar, em conversas e em jornais, que o carnaval que decorre é sensaborão, estupido, pelintra, comparado com outros que o rolar dos anos distanciou.

Ora eu, não sendo positivamente um velho, tenho todavia já um certo passado, que vai, pelo menos, das «cocotes» de areia aos saquinhos de feijão branco da atualidade e dos cartuchos de pós de goma ás serpentinas inofensivas. E para ser francamente sincero devo declarar que este carnaval de 1925 me pareceu tão sensaborão, estupido e pelintra como o de 1887, que foi o primeiro que passei neste mundo. E' verdade que eu nessa altura da vida contava uns escassos seis meses de idade e preocupava-me mais com a chucha do que com a chuchadeira que me rodeava.

Nota á margem: Por meio dum insignificante calculo, fica a leitora a saber a minha idade e, portanto, habilitada, se algum dia vir meu retrato no jornal, a exclamar sem nenhuma especie de lisonja: «Ai, não parece! Está muito bem conservado.»

* * *

Uma das vantagens do carnaval (porque tudo neste mundo, que não é tão mau como o pintam, tem inconvenientes e vantagens) é levar certas pessoas, que durante o resto do ano primam pela sensaboria, a julgarem-se na obrigação de ter graça e fazer espirito. Não me quero referir áqueles cavalheiros, em geral bem educados, que aproveitam o periodo carnavalescos para dizerem deante de senhoras palavras mal cheirosas, nem tão pouco a certos macambuzios de profissão, que se desforram dum ano inteiro de macambuzice, vindo para a rua nos tres dias de entrudo (como me sinto satisfeito por ter empregado o termo vernaculo!)—com a cara engraxada com fuligem da chaminé, o casaco do avêsso e um par de castanholas. A minha referencia abrange dum modo geral os redactores dos jornais serios e em especial os articulistas dos «fundos».

Na convicção de que os leitores os não tomariam a serio se a serio no Carnaval escrevessem, eles lançam-se abertamente no campo do humorismo e põem ao serviço da parodia e do *pastiche* folgazão a mesma pena com que habitualmente verberam e comentam a obra dos governos e o descalabro social. E sucede então esta coisa imprevista: é que os leitores, que em regra lhes recebem a prosa grave com ponderados meneios de aquiescencia, os não tomam a serio como humoristas, terminando por se enfastiarem.

Este holocausto da gravidade jornalistica ás folias carnavalescas é para mim tão penoso de vêr como a alegria postiça de certos pais de familia, que condescendem em fazer o sacrificio dum camarote e de alguns maços de serpentinas, para arranjarem colocação a tres mulheres á moda do Minho, duas holandesas e uma Frasquita, que lhes estão sobrecarregando fortemente o escasso orçamento domestico.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

Dduelo politico entre o oriente da Europa e o ocidente precisa-se cada vez mais, e vae-se intensificando.

Ultimamente veiu de Roma — a nova «Urbs» do Snr. Mussolini — a noticia sensacional de que o Grande Conselho do Fascismo vae examinar e estudar uma proposta para a criação duma «entente» agrupando todos os partidos das direitas dos outros paizes, cujas doutrinas se aproximem do evangelho fascista, para um combate vigoroso contra o sovietismo moscovita.

E assim respondem os «camisolas negras» do «duce» italiano aos maus profetas que ao principiar este ano de 1925 davam o fascismo muito perto duma agonia certa.

* * *

E assim tambem vamos ver cada vez mais cavar-se a barreira — ou já abismo — entre a Russia e a Europa ocidental, a ponto de já nem sequer a Russia parecer, a cauda lamacenta do nosso continente, e por isso pretender erguer-se a cabeça pensante do continente asiatico.

* * *

Mas só para os povos da Asia em velha e decadente somnolencia...

Pois se é certo o Japão firmar o acôrdo com os *soviets*, isso significa sómente que o Mikado vê nessa tactica um modo de fazer prodominar na Asia — especialmente na China — a sua influencia imperial, batendo o imperialismo das potencias europeias.

...É bom saber-se que neste momento o governo do Mikado está estudando uma legislação repressiva contra a propaganda das doutrinas extremistas no Japão. E é para pô-la rigorosamente em pratica.

* * *

Entretanto o sr. Herriot viu na França encerrar-se o congresso socialista de Grenoble sem que lhe fugisse o apoio das hostes socialistas do sr. Blum.

Manifestou-se nas sessões uma corrente vincadamente contraria á politica «burgueza» do sr. Herriot? Sim, e com nitidez; mas esses *camaradas* socegou-os o sr. Blum dizendo-lhes que continuariam apoiando o governo «*mas sem se ligarem de pés e mãos*».

É isto uma simples frase de indefinido sentido pratico? Será; mas a verdade é que por vezes é ainda mais util e pratico alimentar as turbas com frases, do que com pão.

* * *

Nas grandes potencias ocidentais, a questão de Colonia continua a dar que falar...

Ficou resolvido não ser evacuada; agora, porêm, ha quem deseje — alêm-Mancha — a sua evacuação, e mais uma vez a «entente» anglo-francesa sofre uma ameaça.

Ha-de haver mais conferencias, e mais conversas, e mais amuos, e mais «shake-hands» anglo-franceses, por ultimo encontrar-se-ha uma solução, que em breve se reconhecerá não poder ser a definitiva...

Porque pelo rumo que as coisas vão tomando parece que será a Alemanha quem encontrará essa definitiva solução.

A. ROCHA PEIXOTO

comentarios

TERTULIANO Marques que alia ás suas belas qualidades de artista um dos espirito mais saudaveis de humorista que nos é dado conhecer, fez uma conferencia na Sociedade de Belas Artes num dos dias de Carnaval. A sua «verve» foi uma das notas mais espirituais deste Carnaval de semsaboria.

A «Revista de Teatro» publicou um numero de Carnaval a todos os titulos interessantissimo. O brilhante magazine superiormente dirigido por Mario Duarte, apresenta-se com excelente aspecto grafico e insere álem de tres peças originais de Nascimento Fernandes, admiraveis «charges de» Amarelhe, artigos de Santos Tavares e Norberto de Araujo e uma carta de Ruy Chianca a «O homem que passa».

DO mensário «O Chiado», publicado pelos dois gentis espiritos literarios de João Ameal e Luiz d'Oliveira Guimarães, sahiu a 2.ª edição do numero «specimen». Era prometedôra esta publicação que o publico não incitou a viver.

João Ameal e Oliveira Guimarães, ambos de prosa bem trabalháda, ambos muito cultos, crearam uma obra de sátira mundana ingenua e divertida.

FINOU-SE ha dias o eminente professor Dr. Teixeira Guedes que foi, neste paiz de enciclopedicos ignorantes-um sabio. Tendo estudado em Roma onde obteve os primeiros premios, o notavel latinista que foi professor de Santarem e Reitor do liceu de Faro, deixa uma obra infelizmente incompleta, e merece, pela sua alta mentalidade e pela sua impecavel conducta de trabalhador intelectual, um grande respeito pela sua memoria.

São já hoje raras as figuras como a do rev. Dr. Teixeira Guedes que sem preocupações de reclame exercem o magisterio como um segundo sacerdocio e vão educando gerações sucessivas numa vida de abnegação e desinteresse.

APROVEITAMOS as ultimas linhas desta pagina para explicar aos visados no nosso numero carnavalesco que não existia sombra de azedume nas inofensivas graças do «Domingo» gordo. Pelo contrario somos e seremos amigos, attentos, veneradores e admiradores obrigadissimos de todas as pessôas referidas—que é a unica atitude possivel na vida.

NAS BELAS-ARTES

—Ou é da minha vista... ou se calhar sou eu que estou muito torto...

O que se lê

«MEMORIAS DE UMA BONECA»—Contos infantis coligidos e adaptados por Henrique Marques Junior. (Lisboa, 1925).

O nome do adâptador deve ser familiar entre o publico infantil, porque é o dum bom e paciente amigo das creanças.

Os contos que constituem êste volume são cuidadosamente escolhidos e de seguro rendimento educativo.

Só é pena que o sr. Henrique Marques Junior não tivesse adoptado a ortografia oficial, decerto por não se lembrar de que os seus leitores são creanças de hoje, que teem tanta repugnância em aceitar as grafias antigas, como nós tivemos em aceitar as novas.

«A MADRUGADA DOS MUNDOS»—poema de Eduardo Moreira—(Lisboa, 1924).

O autor declara que o verdadeiro titulo da sua obra era o seguinte: «Da Protogenesia». Chamava-lhe assim por nela tratar do «Primeiro Principio» das coisas.

O poeta diz ainda que não sabe como deva adjectivar o seu poema e que êsse trabalho compete aos criticos. Ignorando ainda como os criticos o «adjectivarão», confesso que, depois de folhear as paginas do livro onde se contem o segredo do principio das cousas—e que não é tão volumoso quanto se podia temer,—estou absolutamente de acôrdo com o autor, quando êste diz que, por sua vontade, qualificaria o seu poema de «apologético e didactico, de cosmogonia e de bioquimica rudimentares» . . . Onde se poderia encontrar uma «adjectivação» mais eloquente e elucidativa...?

«FILISOFIA DE FELIX PEVIDE».—(De André Brun. Lisboa, 1925).

E' uma reunião de cronicas escritas ha anos e a nota humorista aparece lado a lado com o apontamento melancolico de qualquer «fait-divers» da rua ou da vida.

André Brun quiz guardar neste volume de agradavel e saudavel leitura, a vibração duma hora matutina do seu dia bem aproveitado, da hora em que a sua inconfundivel maneira literaria começava a afirmar-se categoricamente.

Mas, ao mesmo tempo que prestava a si pro-proprio essa justa homenagem, podia ter a orgulhosa certeza de que espalharia pelo mundo dos seus leitores mais algumas «mãos-cheias» de sorrisos. Sendo muito capaz de aligeirar um momento que pese ou de atenuar um preocupação, esta *Filosofia de Felix Pevide* (que só é «barata» num dado sentido . . .) alcançará um resultado prático mais palpavel do que muitas filosofias serias (e mais «caras», em todo o sentido . . .)

Trata-se, portanto, dum livro que tem, além de graça e real valor literario, uma cousa que falta a muitos: uma clara e nobre razão de existir.

TEREZA LEITÃO DE BARROS

BANQUETE DE HOMENAGEM

— V. Ex.ª Sr. presidente [illegible], se [illegible] gostou do jantar.
— Ora essa porquê, Madame de Pires?
— E' que ainda o não ouvi arrotar . . .

RECEBI esta manhã em mão propria, dum cavalheiro grave, amavel e de pasta, a seguinte carta:

Ex.mo Senhor

Na Assembleia geral da prestimosa Sociedade de Beneficencia de S.ta Quiteria — «O Pingo de Santo Antonio» foi V. Ex.a eleito por hunanimidade para presidente efectivo da comissão promotora dos festejos ao padroeiro desta benemerita colectividade, festejos cujo producto reverte a favor dos pobres protegidos pelo «Pingo». — O secretario da assembleia geral, a) Simplicio Nabinho da Silva.

Pela vida fóra tenho arquivado com uma paciencia de unicornio inumeros bilhetes deste jaez e sempre pontualmente tenho cumprido os afazeres provenientes destes fretes sociais com que os meus concidadãos me destinguem. Hoje, porem, resolvi quebrar duma vez com os laços e laçarotes que me prendem a todas as prestimosas colectividades benemeritas e retomar a minha liberdade de peão transeunte e contribuinte.

Assigno presentemente vinte e tres jornais entre eles: o «Picapau», «A Corneta», «A escacha», o «Furta-Fogo», «Comes e Bebes», «Novidades do Sul», o «Farol dos Novos», «Os Invenciveis», «O Teso», «O Crava», Bandarilhas de Azar» e uns tantos mais, aos quais pela rapidez com que os utiliso não tenho bem tempo de fixar o titulo.

Com este gesto julgo elevar bem o nivel da imprensa miliciana, objecto que se encontra na vitrine do Sindicato á rua das Gaveas. Não fica porem por aqui a minha dedicação á Sociedade. São incalculaveis as festas, sessões solemnes, banquetes de homenagem, saraus d'arte, espectaculos de caridade ou touradas de amadores que tenho promovido, como «membro da comissão organisadora».

E é positivamente pelo excesso absolutamente imcomportavel que tenho feito desta situação do «membro» que eu neste momento solemne em que deixo a arena de beneficencia, artistico-teatral digo: Basta!

E' que em todas as comissões de festa ha apenas um «membro» verdadeiro e esse membro sou eu, ou seja nas Belas Artes com vinte senhoras de de lacinho que aparecem apenas no proprio dia para embaraçar os ultimos retoques ou seja na ceia de homenagem em que apenas um, tem que garantir ao Carlos da garrett a «massa» da comida, ou seja ainda no sarau d'arte em que um, apenas, tem que pedinchar aos artistas a sua colaboração, tirar a licença, requerer a contribuição, pagar o selo, ir aos jornaes, mandar fazer os bilhetes, ir á tipografia dirigir os programas, fazer, emfim, tudo — é sempre o «membro» que vai para a frente, o membro carola, esse membro a quem se atribuem todas as deficiencias e a quem se regateia qualquer louvor.

Põe-se de parte a vida quotidiana, arrumam-se para o lado os afazeres correntes, e põe-se um membro a tratar duma festa com toda a coragem e toda a abnegação, não comendo a horas, faltando a todos os deveres, inclusivé as mais intimas obrigações caseiras, e no fim ha sempre um sugeito de sorriso antipatico que acha a decoração pobre, o programa monótono, falta de reclame inteligente e pouco expediente na organisação geral.

Melindra-se um director de jornal que queria entrar á borla, ha uma senhora «nutrida» que, protesta contra a falta de ventilação e um major que berra contra a corrente de ar — e a culpa é sempre do Carola, que recolhe a casa com o vazio na boca do estomago e amargos na boca propriamente dita e tem ainda, a liquidar do seu bolso uns berbicachos nos primeiros dias mais proximos. Mas vem outra festa, a «ilustre poetisa» passa-lhe a mão pelo hombro e diz-lhe. «V. meu amigo é o homem proprio para isto, as senhoras da comissão sem si não fazem nada...» E vae o Carola, sorri, diz que sim, e ei-lo a girar de novo.

No seu nome nunca ninguem fala. Ele é aquela pessôa que á propria hora de espectaculo ou do baile tem a barba por fazer e não jantou ainda. Aquele a quem á ultima hora se manda comprar o baton que falta, a vaselina que esqueceu e um masso de ganchos invisiveis mas fundamentaes. Aquele a quem o amador dramatico dá uma resposta torta por não ter vindo bem a cabeleira, e para quem a veneranda e vesga Marqueza, presidente honoraria da comissão, diz no mais incolor sorriso de desprezo: Parece impossivel que não mandassem o bilhete á Condessa—em que pensará o senhor, meu Deus!—que lhe esquece tudo! E o Carola, humilhado, corrido de todos os lados, vermelho dos vexames, e palido dos desprezos, pede desculpa e sorri por sua vez com a sua eterna e inconfundivel expressão de «membro» da comissão organisadora . . .

ANDRÉ GODIM

O que se ouve

NO S. LUIZ

ORFEON DONOSTIARRA

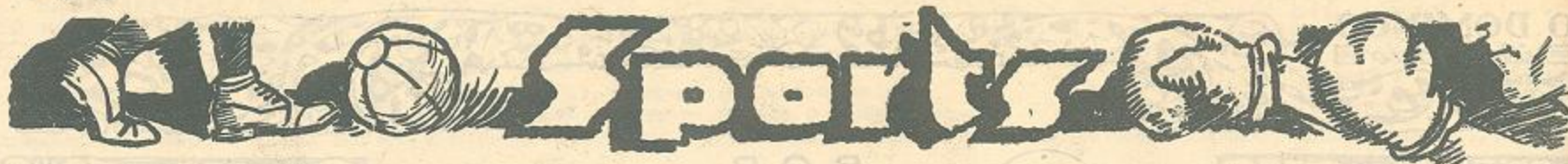
Estão despertando enorme entusiasmo os concertos do orfeon de S. Sebastian dirigidos por Esnaola. Os coraes religiosos, os coros populares vascos e a «Nona Symphonia» de Beethoven, foram aplaudidissimos.

Na verdade, não se póde exigir dum agrupamento de taes elementos, maior unidade e maior afinação. Os solistas teem todos vozes muito musicaes, e o côro em geral ataca com precisão e modela com suavidade. Hoje repete-se a «Nona Symphonia» de Beethoven, em matinée.

O esforço da Empreza A. Ramos Ltd.a, trazendo a Lisboa as 160 figuras, e dando pela primeira vez a obra colossal que hontem se cantou e hoje de novo ouviremos, é o seu maior titulo de gloria e merece o maior reconhecimento do publico.

O CENTENARIO DE CAMILO

Projecto de um mausoleu á memoria do insigne romancista cujo centenario se celebra, desenhado expressamente pelo novel e ilustre arquiteto Paulino Montez.

Sports

PROVAS UNIVERSITARIAS

As provas entre as Universidades, teem tido sempre, em todos os paizes uma enorme importancia. E bem se compreende porquê.

Os rapazes frequentam as Universidades, ou escolas superiores do mesmo grau, na edade propria para os maximos esforços atleticos.

Por outro lado o seu nivel moral intelectual permite-lhes uma visão clara, uma interpretação justa do valor das competições atleticas.

Conhecem a necessidade da preparação inteligente; a sua educação fazlhe sentir, naturalmente, o brio e a lealdade com devem ser encarados os torneios de desporto.

Por todas estas razoẽz as provas entre Universidades se recomendam e interessam particularmente, contribuindo tambem poderosamente para uma propaganda desportiva, assente em principios sãos e com um espirito de desinteresse absoluto.

Tenho dito, sempre que vem a talhe de foice, que em Portugal o desporto escolar está na infancia, e necessita ser impulsionado, com convicção e saber.

As escolas secundarias e primarias ainda teem uma festa anual, que se arrasta sem melhoria.

O que se faz não é bastante. Mas o que neste instante me leva a falar são as provas Universitarias.

A esse respeito muito peor estamos, porque nada se faz. E o que é peor ainda, já alguma coisa, noutros tempos, se conseguiu.

Lembro a atletismo, para exemplo, porque é frizante.

Apesar de não ser muito velho ainda, posso dizer como os velhos: o meu tempo foi melhor!

Recordo com desvanecimento, e um pouco de orgulho... colectivo — que sempre é menos pedante — as interessantes provas escolares do meu tempo. Elas marcaram não só pelo valor desportivo, mas, especialmente, pela qualidade dos homens que produziu e vieram depois trazer aos clubs, toda a sua fé inteligente e bem intencionada.

Armando Cortezão, Prestes Salgueiro, Corrêa Leal, Salazar Carreira, Francisco e Antonio Stromp, Gabriel Ribeiro, Antonio Martins, Bairrão, Faria de Moraes, Costa Cabral e outros de egual prestimo, são homens do meu tempo.

Todos eles foram, e alguns são ainda, preciosos elementos com que conta a causa desportiva.

O que seria o atletismo sem Salazar Carreira e Corrêa Leal? Tem vivido sempre amparado pela sua dedicação tenaz.

Chega a ser inconcebivel que os rapazes das Escolas Superiores tenham deixado morrer as suas provas de atletismo e as outras.

O seu campeonato de foot-ball corre ha dois anos!

Ficou por ahi a sua energia? Pois o foot-ball não basta.

O papel das escolas Superiores não é seguir apenas a corrente da população. A sua funcção é crear, educar.

São os rapazes das Escolas que amanhã nos clubs devem ser os orientadores, os guias. Pela sua cultura, pela sua educação, pertence-lhes a direcção.

Os clubs abandonados a dirigentes de acaso, são arrastados fatalmente a organismos falhos, capazes de deturpar a sua missão e inverter até a sua razão de ser.

Algumas federações teem indicado, ultimamente, nos seus programas, as provas escolares. Bem hajam!

As Federações por si só não bastam. E' necessario que as proprias Escolas mostrem interesse e deligenceiem retomar uma posição que teem perdido, sem razão, nem explicação.

F. GUEDES

Hoje, no Restello

AZUL OU PRETO?

Cada club tendo já efectuado dois encontros na segunda volta, o campeonato de Lisboa encontra-se precisamente a trez quartos do percurso.

Os matches realisados teem comprovado até certo ponto a igualdade de quatro grupos em litigio, se exceptuarmos as duas extrondosas derrotas do Casa-Pia e de «Os Belenenses».

Assim, após seis desafios, o Sporting primeiro classificado presentemente, apenas possue 9 pontos, isto é, trez pontos a menos do maximo possivel, o que traduz em absoluto as dificuldades do torneio, onde todos os onzes teem sentido o amargo da derrota.

Os restantes grupos com probabilidades de exito, classificam-se numa serie decrescente, cuja razão é a unidade, o que produz um resultado interessante. Temos pois em seis encontros:

Sporting	9 pontos
Casa-Pia	8 »
Belenenses	7 »
Bemfica	6 »

O rapido exame deste pequeno quadro, dá-nos imediatamente uma noção muito precisa da prudencia e do cuidado que devem presidir em todos os clubs, á realisação dos encontros futuros, pois o minimo desfalecimento, o menor precalço serão de consequencias irremediaveis.

Assim, o match que esta tarde se realisa no novo campo do Restello, entre o Casa-Pia e «Os Belenenses» é primordial para os dois onzes; o vencido desta tarde perdendo todas as probabilidades de atingir a 1.ª classificação.

Desde a criação do Casa-Pia Atletico Club, os encontros com o onze de Belem, foram sempre interessantes, muitas vezes os «all blacks» conseguindo scores impressionantes, que estavam bem longe de traduzir o valor dos dois clubs.

O Sr. Dr. José Pontes, que foi o iniciador da imprensa da especialidade, tem o seu nome ligado aos maiores emprehendimentos do sportismo, em Portugal.
E' actualmente o presidente do Comité Olimpico Portugues, ao serviço do qual teem posto as suas poderosas faculdades de inteligencia e de acção.
A creação da legislação protecionista existente, deve-se, muito especialmente, á sua dedicação e fé inquebratavel.

Este ano a rivalidade persiste acentuadamente, agravada com dois encontros sem resultado. Na 1.ª volta, e na inauguração do campo do Restello, pretos e azues não conseguiram um resultado positivo.

E' logico admitir, que esta tarde se não registe um terceiro match nulo, liquidando-se assim uma questão de supremacia.

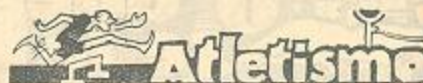
O estudo conscencioso das probabilidades que possuem os dois adversarios, não é tarefa facil.

«Os Belenenses» que contra o Bemfica, acusaram uma certa irregularidade nas suas linhas, fizeram contra o Sporting uma exibição nitidamente mais perfeita, ainda que com reduzido poder de perfuração na sua linha de avançados. Podemos pois admitir que a sua fórma se mantem em bom plano.

Os casapianos sofreram um rude golpe com a derrota infligida pelos «leões». O seu onze perdeu um pouco da confiança que sempre caracterisou os seus encontros e apesar de ter derrotado o Victoria por 3 a 1, não é conveniente olvidar, que os setubalenses se apresentaram naquela tarde em campo, com uma linha média, abaixo de toda a critica.

Parece pois naturalmente indicado, dar como favorito do grande match d'hoje o Club de Foot-ball «Os Belenenses».

No entanto, nunca é demais repetir, o foot-ball é um jogo tão ocasional, que os mais conceituados e fundamentados prognósticos, sofrem na generalidade, os mais categoricos desmentidos.

A. CORREA LEAL

CORRIDAS E CORREDORES NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MEDIA

(Continuação)

A *corrida do stadium*, ou corrida simples, consistia em percorrer uma só vez, a extensão do stadium (185 metros em Olympia).

O *dianulo* ou corrida dupla, equivalia a dois stadiuns, visto que o atleta, depois de alcançar a meta, voltava ao ponto de partida.

O *Dolico*, comprehendia 7 ou 24 stadiuns, sendo muito divergentes as opiniões dos eruditos a este respeito.

Nós inclinamo-nos pela segunda hipothese, visto que o famoso lacedemonio Ladas, morreu ao chegar á meta, depois de ter corrido o dolico. Semelhante precalço em 4.400 metros (24 stadiuns) é admissivel. Ladas foi um dos mais famosos atletas de corrida.

A *Anthologia grega* afirma que *os seus pés não deixavam sinal algum na areia*.

A Grecia possuia, corredores excelentes; os mais notaveis eram naturaes da ilha de Creta, de Messenia, da Laconia e de Crotonia.

Um grosso volume não seria suficiente para enumerar todos aqueles que se distinguiram neste genero de exercicio.

Entre os mais celebres, poderemos citar Hermogenio (de Xantho na Lycia), que alcançou 8 victorias em trez olympiadas e foi batisado com o nome adulador de *cavalo*.

Lasthenio de Thebas (Béocia) venceu um destes quadrupedes no trajecto de Choroneia a Thebas.

Polymnestor jovem pastor de Mileto, apanhava uma lebre em plena corrida, o que levou o seu amo a envialo aos jogos olimpicos.

Alexandre o Grande tinha um corredor de nome Philoridas, que percorria em nove horas os 222 kilometros que separavam Elis de Sycionia (Grecia).

Na *Anthologia*, encontra-se a seguinte passagem referente a um certo Arias de Tarso (na Cicilia); — «o principio e o fim do stadium são os unicos logares onde se pode observar o jovem atleta — não ha forma de o distinguir durante a corrida».

Não é possivel exprimir duma maneira mais delicada e mais acentuada, a agilidade dum corredor.

Não esqueceremos de forma alguma, aquele soldado, extenuado de fadiga, que fez um longo percurso para anunciar a victoria de Marathona aos magistrados de Athenas, tendo falecido apos cumprir a sua missão.

Egualmente Euchidas de Platéa, foi victima da sua dedicação; os Persas tendo profanado o fogo necessario aos sacrificios naquela cidade, Euclides foi busca-lo a Delphas, tendo percorrido apé n'um só dia, antes do pôr do sol, 1.000 stadiuns (185 kilometros); entregue este aos sacerdotes do culto, Euclides expirou.

Os romanos não foram menos ageis. Plinio refere-se a alguns atletas do seu tempo que percorriam no circulo, 160.000 passos. (1).

Estas perfomances são tanto mais admiraveis, que quando Tiberio foi á Germania para assistir aos ultimos momentos de seu irmão Drusus, não poude percorrer os 200.000 passos, que os separavam, em menos de 24 horas; e certamente o imperador, não ia a pé, como é facil de prever.

Os corredores, como todos os outros atletas, andavam nús; havia porem uma corrida onde os concorrentes se apresentavam, armados, com uma capacete e um escudo. Denominavam-se «Hoplitodromos».

Os corredores na antiguidade que se treinavam para os Jogos Olimpicos, tinham grande interesse em destruir tudo que pudesse embaraçar a rapidez dos seus movimentos e n'este sentido tinham o maior cuidado com o baço, cuja alteração podia exercer uma influencia nefasta, na sua agilidade.

(1) *Passo (passus)* era uma medida romana, equivalente pouco mais ou menos a 1m. 47.

(Continua) — CORRÊA LEAL

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Votos recebidos:

A actriz mais linda, seductora e bela
E' a gentil Luiza Satanela!

MANUEL LUIZ GONÇALVES

De tôdas as actrizes a primeira
Em beleza, é a Auzenda de Oliveira

FRANCISCO DA SILVA SOARES

Eu com isto não digo tudo
Embora seja uma asneira
Para mim a mais bonita
E' a Auzenda d'Oliveira

PANCRACIO

Eu sinto-me atrapalhado
E sem poder decidir
Direi mesmo envergonhado
Não sei qual preferir.

Gosto da Auzenda ladina
Da Palmira, e Rey Colaço
Tambem gosto d'Adelina
Escolher é qu'eu não faço.

Da Stichini engraçada
Da Julieta e Satanela
Aura Abranches adorada
Não me decido por ela.

Ha tantas, tantas tão belas
Que a gente perde o miôlo
Com medo d'envaidecê-las
Não me decido, meu tôlo.

Cht.

Viva sempre a monarchia
Monarchia em Portugal!!!
Sou thalassa vou votar
Na nossa Côrte Real.

CAMARISTA

Eu que não tenho quem me prenda
Por dizer de que actriz mais gosto...
Dou voto e meio á Auzenda
Pois é'ela quem ganha... aposto.

AMERICO

o momento teatral

Angela Barros, gentilissima "divette" de revistas e de operetas vai reaparecer na Trindade. Raras vezes se conjugam na mesma artista as qualidades que em Angela Barros concorrem.

O que encanta nesta estrela do teatro alegre e popular é a linha de mocidade, a frescura e a graça de recato com que pisa a scena. Ha no seu todo, na sua maneira de dizer e de representar uma gentil timidez, uma delicadeza de processos e um «charme» de pureza que a torna rara e querida do publico.

Bem andou a empreza de José Loureiro contratando a encantadora actriz, ha algum tempo voluntariamente retirada dos trabalhos do tablado onde tantas simpatias soubera conquistar.

Num meio como o do teatro portuguez, onde tantas vezes as mulheres procuram as taboas da scena para um vulgar exiblicionismo de baixas «coquetteries», fica, e faz bem, esta rapariga cuja arte sobria e cuja natural elegancia manteem uma linha de superior graça.

noites de primeira

Está em fóco o «Teatro Novo» que vai brevemente abrir as suas portas em Lisbôa.

O que parece que a nova sala de espectaculos trará de novidade para o publico, pelo menos, é a «mise-en-scène» que será feita no gosto dos scenarios «sintéticos» em uso actualmente no extranegiro. Este facto faz-nos lembrar — e é bom que se lembre — que os nossos scenografos, que os ha com merito, em geral estão desacompanhados do auxilio das emprezas, e até dos artistas. E' freqüente depois de afinada uma luz de scena — e a luz é o maior elemento da scenografia — vir a primeira actriz e modifica-l'a com a ingenua preocupação de que a não veem bem lá de fóra,

Não raras vezes um efeito de sol ou de luar, que deve ser realisado com um foco intenso, é substituido por um tangão com uma lampada — e com um sol de cincoenta velas não ha luminosidade de côr que resista... Somem-se a estas mizerias a falta dum bom ensaio geral, a desligação entre os mobiliarios, as «toilettes» e a scena, e teremos o desastrado resultado final que em geral vimos. A economia dos adereços verdadeiros, a pobresa dos orçamentos dados ao scenografo e a consequente mingua de recursos para poder ter uma bibliografia moderna que o ponha a par do movimento europeu actual — são a causa principal de que realmente entre nós, as tentativas de scenografia modernista sejam esporadicas e deficitarias.

CINEMAS

OS ULTIMOS FILMS

A semana que findou não é das que satisfazem plenamente quando se analisa a lista de estreias nos varios cinemas. No emtanto ha a registar no «Tivoli» a exibição de dois bons «films». Um deles, a pantomina oriental «Sumurma» com Pola Negri, Harry Liedtke e Paulo Wegener, enscenada por Ernest Lubitsch, é uma prova do alto poder de estilisação do grande artista da «Mulher de Faraó». E' uma excelente reconstituição valorisada por belas legendas, que se notam tambem no film, «Oh! da guarda!» de Abel Gance, com Max Linder, Gina Palermo e Jean Toulot, admiravel pela simplicidade extrema da sua execução em que sobresai o trabalho formidavel do popular cómico francez. O «Cinema Condes» estreiou o melo-drama de George Ohnet «Historia duma mulher» superiormente interpretado por Pina Menichelli e Livio Povanelli, cuja fama e talento são segura garantia duma superior representação. E' um excelente film do genero. Nos demais continuaram em scena algumas «séries» americanas de pequena categoria e reduzido interesse á excepção da original «Volta ao Mundo em 18 dias». Como films cómicos, só apareceram de merito, as «reprises» da quadra carnavalesca.

VON C. K.

cá por dentro

BILHETE A AVELINO DE ALMEIDA SOBRE O «TEATRO NOVO»

Meu caro Avelino de Almeida:

Deixe-me escrever-lhe umas linhas deste degrausinho modesto onde os acasos da vida me trouxeram, umas linhas de ameno e amigo cavaco.

Fui chamado a dar uma colaboração, limitada á scenografia, na ideia do Antonio Ferro, que você tem discutido na imprensa. Se V. reconhece, como julgo, a esta arte uma parte creadora no trabalho scenico, não levará a mal que eu me meta na conversa, como se em pleno intervalo de «première» caturrassemos no corredor. Tenho lido com o maior interesse o que V. tem escripto e tenho admirado a sua pujante mocidade nessa primeira linha de combate onde V. ainda está — e Deus o conserve! — por muitos anos e bons.

Não é lisonja dizer-lhe — e tenho-lh'o dito muitas vezes — que a V. se deve muito do ambiente de renovações que se presente na actividade nacional dentro da arte dramatica.

Pessoas da sua cultura e do seu senso artistico são raras aqui e mesmo lá fóra, e á sua directriz critica não é estranho este apuramento de valores, esta nobre exigencia de progresso que andamos fazendo uns aos outros.

Não venho pois discutir, agora, os pormenores dos seus pontos de vista, que V. tão inteligentemente defende. Apenas encarando dum modo geral a questão parece-me que V. não foi neste caso nem feliz nem oportuno.

Tenho a certeza de que V. é sincero quando afirma que deseja a «dignificação do teatro Nacional» (não só da Casa de Garrett) mas estou convencido que atendendo ao meio em que vivemos V. lhe não presta o melhor serviço, desfibrando logo à nascença, ou ainda em plena gestação, uma ideia que de resto é «louvabilissima». Apresentar ao publico, no momento em que toda a benevola propaganda seria necessaria, os pequenos contras e os possiveis inconvenientes, de uma ideia fundamentalmente generosa e dignificadora, é crear-lhe má atmosfera. Dizer á burguezia, que é preciso «smoking» e que os lugares são caros, ao Lino empresario que vai perder dinheiro, ao Lino administrador que cuide do Nacional, aos societarios que são desfalcados no seu possivel reportorio e estimula-los pondo em fóco que só o Joaquim de Oliveira é chamado ao Teatro Novo, e tudo isto, com aquela brilhante eloqüencia que é apanagio da sua pena de jornalista insigne, é o peor que V. poderia ter feito á ideia do Ferro.

De duas uma: ou o programa do T. Novo cabe dentro do Nacional, e então o Lino não seria o «prestigioso» o «ilustre» e o «activo» administrador do Nacional para ser o «desleixado» por ainda o não ter cumprido, ou não cabe, e então, nada impede que ele o procure realisar, continuando a ser «ilustre» noutra parte qualquer. O resto, aquele dialogo de espirito em que V. é mestre e em que o Ferro, com outra escola, é tambem notavel...

Quando li o seu primeiro artigo tive esta exclamação: «Esqueceram-se do Avelino!»

E afinal, toda a gente bem intencionada, pelo contrário esperava e espera do seu grande espirito uma decisiva e generosa assistencia a uma ideia, que creia, a merece.

Seu, de sempre
Leitão de Barros

A Auzenda é duma graça infinda
Desde os pésinhos até á cabeça
Não há actriz mais bela nem mais linda
Pelo menos eu julgo — ... que conheça.

SIMÕES

MARIA VICTORIA

A revista de actualidade, tão querida do publico, «Rés-Vés», com Laura Costa, a encantadora «divette», em cinco numeros novos e sempre repetidos.

EDEN

Semana dos 9 dias, a grande revista popular, com tres numeros novos de grande sucesso.

S. CARLOS

Em breve, reaparição da companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico toda a companhia.

NACIONAL

«Inglezes» peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia, José Ricardo, Ribeiro Lopes, Clemente Rafael.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

«Benamor» celebre opereta pela companhia Armando de Vasconcelos.

Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

A revista qopular «Mola Real» com a alegre Elisa Santos, fantasia e bom humor.

AVENIDA

A encantadora opereta «Susi», pela companhia Satanela-Amarante. Explendido desempenho da admiravel actriz Luisa Satanela, musica lindissima.

POLITEAMA

«O outro eu» e «Vem cá não tenhas medo» revista de Lino Ferreira e Nascimento Fernandes.

Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Grandes e deslumbrantes operetas, pela companhia Léa Candini. Desempenho magistral desta admiravel actriz, e de toda companhia.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Belo Redondo, evoca nestas linhas a vida e a morte misteriosa do "Dr. Reis", celebre advogado da Boa-Hora morto ha seis anos em condições rocambolescas e dum pitoresco tragico cheio de interesse.

UM GRANDE CRIME IMPUNE

Quem matou o "Dr. Reis"?

ESTOU a vê-lo ainda, sebento e imundo, a barba crescida, os olhos miudos espreitando a gente pelos óculos de miope, metido num sobretudo que era um armazem exótico e em cujas algibeiras as «buchas» andavam de parceria com os códigos. Chamavam-lhe o «doutor» Reis e nunca, de tão familiar que êle era para quantos gandaiavam na Boa Hora um negócio ou uma notícia, se soube o seu nome completo, a sua ascendência, a sua história. De resto, é da boa sciência da vida que os pobres-diabos não dêem cuidados... Quem se interessaria por êle, sem o risco de sentir-se diminuído e ridículo?

O «doutor» Reis era, afinal, um quartanista de direito que fazia defesas oficiosas na Boa Hora. Não houve cróia ou fadista, gatuno pôrco ou juiz digno que não o conhecêsse. Êle acamaradava com toda a gente e, perdidas as noções das conveniências, vagabundeava entre a taberna e o palácio da Justiça. Tratavam-no de «tu» e passavam-lhe a mão pelo ombro, os deslavados moraes, em troca dos copos de vinho que lhe pagavam ou das moedas que lhe davam como uma esmola. Nunca protestou e parecia até achar graça áquilo, porque a sua popularidade era, afinal, o seu ganha-pão, o grande truque que lhe servia para ir enganando a vida.

Fôra um estudante aplicado mas, morto o pae, teve que interromper os estudos, por falta de mesada, e um dia

apareceu na Boa Hora a pedir defesas. Acharam-lhe «piáda» — o que êsse rapaz tinha, sobretudo, era muita «piáda»! — e atiraram-lhe com os tostões precisos para iludir a fome. Acostumou-se áquilo, desde então, e por ali ficou.

Quem era a sua família? Onde dormia êle? Que misterio enorme havia na sua existencia? Suponho que não o soube ninguem. A sua miseria não interessava e, atravez o seu espirito chocarreiro e fácil, havia apenas o pobre-diabo, sem eira nem beira, que o mundo vê, mas que o mundo despresa...

Ora, ha tempo, depois duma estadia demorada na secção política do jornal onde trabalho, voltei a tomar contacto com a Boa Hora, vasadouro enorme das misérias morais desta grande cidade. E fiquei admirado de que tivesse morrido, entretanto, o «doutor» Reis. Eu não soubera antes da sua morte, porque os miseraveis da egualha dele não teem as honras do noticiário. Por isso, a notícia, assim brusca, comoveu-me e espantou-me, e o casarão da Boa Hora pareceu-me mais desolado do que nunca. Ora o Reis, quem diria que havia de morrer tão cedo!

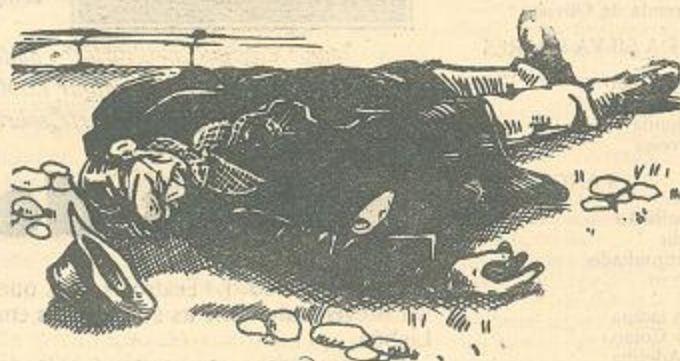
* * *

Uma menina, filha de bôa familia e cujo nome eu não tenho o direito de revelar (por escrupulos que todos compreenderão) foi ha tempo encontrada no Parque Eduardo VII, quando procurava fazer desaparecer uma creança morta. O seu trajo elegante e os seus modos aristocraticos despertaram a atenção dos guardas da Camara e, pedida a intervenção do policia que fazia serviço na praça Marquez de Pombal, a dama foi presa e conduzida à esquadra das Picôas. Logo se deram pressa a levantar-lhe um auto por crime de abôrto e *mademoiselle X* — chamemos-lhe assim — foi remetida à Policia de Investigação, recolhendo a um quarto particular do Governo Civil.

Por um simples acaso, o «doutor» Reis soube do facto e, farejando um negocio, procurou a detida. Debulhada em lagrimas, numa aflição enorme, a rapariga contou-lhe tudo. Uma aventura de amôr perdêra-a nos braços do visconde de Z... e, tempo depois, estava para ser mãe. A sua deshonra apareceu-lhe como uma desgraça irremediavel. Era linda, tinha apenas 17 anos e pouco conhecia da vida, além da existência fútil dos salões. O seu seductor fugira para Paris e, sosinha com as suas creadas, emquanto os paes veraneavam em ***, deliberara pôr em pratica o abôrto. Tentava fazer desaparecer o fructo da sua desventura, quando foi prêsa.

E agora ali estava, descoberta a sua deshonra, entregue nas mãos da Polícia, sob a alçada do código, perdida para sempre. O nome tão respeitado da sua família, o desgosto profundo que os paes sofreriam ao regressar, o escândalo da publicidade do caso, tudo isso se lhe baralhava no cérebro, lançando-a num indescritível estado de desespêro. O «doutor» Reis ficou impressionado com o caso e logo se interessou por êle. Começou a trata-lo, como um bom advogado.

Pediu aos «rapazes» dos jornais que não desem contas do facto e invocou para isso os mais nobres sentimentos; era a honra duma família em jôgo. E, argumentando com a Polícia, mais pedido para ali, lá conseguiu provar que não fôra a sua constituinte a pessoa que, em certa manhã de Outubro, abandonara no Parque Eduardo VII o cadaver duma creança. «Mademoiselle» X foi, por isso, posta em liberdade e o seu reconhecimento para com o homem que a salvara não conheceu limites.

Tudo ficara em segredo e se passara nos bastidores policiais, sem que coisa alguma transpirasse. Os pais de «Mademoiselle» regressaram a Lisboa e ainda hoje ignoram, até ao momento em que escrêvo, a deshonra da filha. Pela primeira vez, desde que «advogava», o «doutor» Reis não quiz receber dinheiro. A sua imaginação de sentimental acalentava, todavia, um sonho de amor, que não tardou a entrar nos dominios

da realidade. «Mademoiselle» X, por gratidão ou por amor, pertenceu, depois, ao homem que a salvara da cadeia e do opróbio.

Inesperadamente, porém, essas relações tiveram de acabar. Porquê? Não o soube, não o sei e não o saberei, talvez, nunca. O misterio da vida do «doutor» Reis envolve-se num veu denso que a visão mais aguda não consegue violar. A senhora que, chorando aflitivamente, me pediu ha tempo, em nome de «Mademoiselle» X, na redacção do meu jornal, que noticiasse a misteriosa morte dele (para que a Polícia a esclarecesse) não quiz responder a tudo o que lhe perguntei. Fez-me sentir, delicadamente, que a curiosidade do «reporter» tem um limite. E que havia eu de fazer, ante o mutismo que a honra duma mulher justifica?

* * *

Pois, ía-lhes dizendo que, mezes após a morte do Reis, me procurou «madame» B., amiga da menina de que lhes falei. Madame B. é uma senhora respeitabilissima que eu venero ha muitos anos, tanto pela sua inteligencia como pelos seus dotes de coração. Procurava-me para que eu fizesse uma campanha jornalistica no sentido de obrigar a Polícia a esclarecer a morte do «doutor» Reis. E, desfiando ante a minha insatisfeita curiosidade os pormenores que lograra obter, afirmava que o pobre quartanista de Direito fôra vítima dum crime. As suas lágrimas, que traduziam bem o desespero angustiado de «Mademoiselle» X., impressionaram-me a tal ponto que resolvi fazer, eu mesmo, as investigações.

Soube, no decorrer delas, que, na manhã de 29 de Novembro de 1919, o polícia 788 encontrou caído no Campo dos Mártires da Patria o «doutor» Reis. Riu-se, ao vê-lo, e recordou, talvez, as suas «piadas». Supondo que se tratava duma embriaguez, abanou-o. Mas não. O «doutor» Reis estava morto e da cabeleira farta corria-lhe um fio de sangue. Chamou-se gente, veio uma maca e o corpo foi transportado para a Morgue. O relatorio da autópsia diz que a morte foi devida a fractura do crâneo.

Mas teria sido ela provocada por queda ou agressão? Não o sei. O relatorio é mudo a tal respeito. Na Morgue limitaram-se a registar o acidente e fizeram descer o cadaver á vala-comum dentro duma serapilheira. Entretanto, é convicção de «madame» B. que o «doutor Reis» foi vítima dum crime. Porquê? Porque numa das algibeiras do cadaver se encontrou um cartão vulgar com estas palavras terriveis, dum gélido laconismo: — «Todas as afrontas se pagam neste mundo».

E mais nada. Que queria dizer esta maxima severa e ameaçadora? Quem a escreveu? Não o sei. O cartão fica neste jornal á disposição das autoridades competentes, para que cumpram o seu dever.

A Polícia nunca se interessou pelo caso; os jornaes mal falaram dele em duas minguadas linhas. Os anos passam e o misterio mantem-se impenetravel. Quem se importa, afinal, com o pobre-diabo que defendia na Boa Hora os seus irmãos miseraveis?

BELO REDONDO

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O retrato

O pequeno episodio que se refere nestas linhas é verdadeiro. Ocultam-se apenas os nomes das pessoas que nele intervêem, por serem felizmente vivas e para não provocar uma curiosidade que possivelmente as molestaria.

Ha uns seis para sete anos foi veranear para a deliciosa praia da Ericeira um dos mais notaveis pintores portuguêses, que se fazia acompanhar de sua familia. Habitou o artista uma casa pertença dum honesto casal de pescadores, de relativa opulencia — daquela abastança que chega a dar os cordões de oiro, farto bragal nas arcas, e uns contos amealhados para uma doença ou para uma «lota» mais larga quando é farto o peixe e o negocio mais seguro.

A casa do pintor ficava paredes meias com a casa do pescador, senhorio de verão. A's tardes, quando o sol alongava a sombra azul das casas, a mulher do artista e a mulher do pescador falavam tranquilamente á soleira da porta — senhora e serva, em plebeia conversa de mães. E, em casa do senhorio, aquele convivio de simpatia com a gente do pintor, honrava, e o pescador quando voltava do mar raras vezes deixava de trazer o «mimo» para a gente do lado, que a mulher não se cançava de dizer que era santa, tão cheia de harmonia lhe parecia aquele lar, em que o marido se erguia cedo e seguia com o cavalete pelas arribas fóra, e a mulher costurava e enfeitava a casa, com aquela graça que têm por instincto as companheiras dos artistas.

* * *

No lar dos pescadores havia uma filha. Suponham uns desasseis anos em botão, saudaveis e puros como a areia do mar, com dois olhos claros onde havia a neblina azul e subtil dum longe de oceano. Suponham o desabrochar fertil e esplendente de todas as graças de virgindade, de todas as castiças curvas das afrodites, vistam-na de leves trapos claros, deixem-lhe ao vento, sob o ceu e o sol radioso do mar, duas tranças de oiro e terão essa virgem de aparição que uma tarde o pintor descobriu enlevado...

* * *

Combinou-se, ali mesmo, o retrato. O pai estava no mar, e o noivo, um ovarino tostado e loiro, herdeiro futuro duma armação grande e bom partido na terra, andava tambem ao largo, havia dias.

— «Mas que sim senhor, que a rapariga, se o senhor queria, lá iria servir para o quadro» disse a mãe, e logo a obra, sob o fogo duma sincera inspiração, se começou febrilmente.

No quintal da habitação, todas as tardes, voltada ao mar, a rapariga pousava, até que trez dias depois, vergado ao peso dos remos e das redes, o

«rapaz» vindo de bordo, surgiu no pateo, franziu o sobr'olho e entrou quasi sem saudar os que estavam.

A obra estava quasi prompta.

Sobre a tela surgia, maravilhosa de luz, a figura esbelta da rapariga, com esse divino sorriso de certas mulheres de raça pura e fecunda.

O rapaz relanceou o olhar duro pelo quadro, e ficou perplexo.

O quer que fosse da mulher tinha passado á tela.

Havia uma tal sugestão de beleza e de volupia na pintura, que os seus rudes sentidos se perturbaram.

Quem era esse homem que tinha o poder de fixar, para si, com as suas mãos, o corpo, o sorriso, os olhos a figura toda, da «sua mulher»?

Um ciume novo e feroz o dominou. E' que se presentia nos movimentos do pintor a alegria de pintar — essa alegria plastica, essa sensualidade das linhas e da côr, que é para certos artistas uma volupia mais forte que todas as outras.

Para quebrar esse silencio de gêlo que se fez à entrada do rapaz, a mãe disse com um sorriso de enlevo: Sabes? este senhor está-lhe a pintar o retrato — se calhar diz que ainda vai à exposição?

* * *

Nessa noite houve lagrimas, e pela madrugada o rapaz, hirsuto e magoado da vigilia, esperou o pintor à saida para o campo, e sem levantar os olhos do chão, torvo, disse-lhe surdamente:

— «Olhe que eu não quero que a mulher sirva mais para pinturas. Isso é lá para a cidade — aqui cada uma tem o seu homem, e basta». Depois, sem mais, desapareceu numa curva da azinhaga, entre as arribas, com uma lagrima de odio nos olhos.

O pintor não disse nada. Mas desde esse momento perdeu a tranquilidade para trabalhar e voltou a casa, desolado e vencido. Passaram-se dias em que as janelas se não abriram como se tivesse morrido alguem e os visinhos não se falavam.

O pintor uma manhã chamou o senhorio, pagou a renda e arrumou as bagagens para o regresso. «Partimos ámanhã no «camion» da manhã.»

Nessa noite, ao escurecer, quando o pintor saíra a fazer despedidas, alguem se abordou dele, com uma voz humilde. Era o rapaz. — Eu preciso falar ao senhor. Quero-lhe pedir desculpa daquilo doutro dia... e queria dizer-he que... o senhor vende os quadros... pois não vende?

— Vendo. Pois se eu vivo disso.

— É que eu — está como o outro — queria ficar com a «vista» dela. Sim, só para mim... Para a nossa casa, para nós vêrmos... mais tarde, quando vierem «as brancas» a gente se lembrar... E quanto custa?

— Vocemecê está doido — disse-lhe o pintor com um sorriso de piedade. Um quadro custa muito caro. E' para gente rica, vende-se nas exposições.

O rapaz mordeu o beiço, fixou o olhar com uma extranha energia e disse-lhe. «Não! Para exposições, para todos verem, a rapariga não! — E quasi com lagrimas na voz: Para que foi o senhor tira-la», para que a leva? Diga quanto quer — o que fôr eu pago — eu pago! Nem que tenha de vender a barca, mas deixe-m'a ficar, não a leve! E convulsivamente soluçava...

* * *

Quem hoje subir uma ingreme travessa da Ericeira e espreitar uma pequena casa de maritimos, verá, entre redes de pesca e moveis humildes uma tela preciosa, com uma dedicatoria que ilumina como um clarão de beleza um lar feliz...

O Homem que passa

UMA CARTA INTERESSANTE

Qual o fim de João Brandão?

COMO ACABOU O TERRIVEL BANDIDO? ALGUMAS REVELAÇÕES CURIOSISSIMAS DUM ASSINANTE DO NOSSO JORNAL A PROPOSITO DA NOSSA NOVELA SOBRE ESTA FIGURA

Do nosso estimado assignante sr. Manoel Kopke recebemos uma carta que encerra curiosas revelações acerca do fim do bandido das Beiras, sobre cuja figura o nosso ilustre colaborador «O Reporter Misterio» escreveu a deliciosa novela que os leitores leram num numero anterior.

É um documento a todos os titulos digno de registo do qual recortamos os seguintes periodos:

«Pouco antes da data porque começa o seu artigo, conheci eu em Benguela (Angola) uma mulher já de edade, africana, que dava pelo nome de Thereza e era conhecida geralmente pela — Thereza Brandôa —; tinha alguns bens e uns predios, que tinham, segundo me disseram, a mesma origem que o seu «sobriquet» de Brandôa: tinham-lhe sido dados pelo seu amante ou senhôr (creio que era uma sua escráva — amante,-mukáma-ou-mukamba —) João Brandão, de quem tinha uma filha, mulata clára.

Essa menina, que depois conheci e conhêço, estava então sendo educada em Lisboa, nas antigas «Inglesinhas» ou «Salécias».

A cargo de quem estava, não sei, mas creio que a educação era feita á custa só de sua mãe.

Essa menina, interessante por signal, e com um tic de estrabismo que tambem aponta no pae, recebeu uma educação primorosa, tem relações com outras das suas condiscipulas europeias e casou com um rapaz europeu, daqui do Porto, que ainda é vivo tambem, que foi um dos fazendeiros mais prosperos dos arredores de Benguela e de quem teve ao menos dois filhos, uma menina e um rapaz, actualmente a educar em colegios de Portugal...

São portanto «netos» do celebre salteador.

Hoje, essa senhora está divorciada, vive em Lisbôa, é muito elegante e «amiga» do luxo e ao seu divorcio não foi alheio, um dos grandes «capitalistas-africanistas» vivendo em Lisbôa tambem, e director de varias Companhias importantes, africanas e uma delas de navegação.

Pelo mesmo tempo em que começa a historia — tambem ainda existia em Benguela e eu conheci-o, um cavalheiro, idôso já e do mais veneravel aspecto, que era conhecido, entre os europeus então residentes ali, pelo pouco amavel nôme de Braga-ladrão!...

Vivia habitualmente, na região da Quissanga, em logar pouco frequentedo por europeus, com cujo convivio não mostrava aprazer-se muito, em uma casa fortificada.

Era temido do gentio da região, ao qual ouvi contar a seu respeito, historias de verdadeiras tiranias e latrocinios.

Contavam-me, que isso já não foi do meu tempo, que este sr. Braga, tinha sido socio do João Brandão e que mesmo aquela casa e propriedade pertenciam áquele.

Em que negocio eram socios?

Escravatura, segundo pude averiguar...

Tambem se não livrava da fama (este sr. Braga) de ter mandado assassinar o socio, por negros seus, quando João Brandão se preparava para embarcar em um veleiro negreiro, que com um — «carregamento» — seu se fazia de vela para terras de Santa Cruz...

Assim conseguiu chamar a si o produto d'aquele carregamento de «cabeças d'alcatrão (como lhe chamavam) que decerto era importante e apossar-se de todas as libras, — «que em um cinto de coiro apertado por baixo da camisa —,» o ex-salteador levava consigo...

Seria realmente este o fim do celebre bandido? Pelo que ouvi, tudo me leva crêr que realmente assim foi, pois realmente foi assassinado.

Parece tambem confirmar a sua resolução de — «se passar ao Brazil — » o facto de têr deixado bens e predios a suas filhas, sendo usufructuaria Thereza Brandôa (a mãe), por forma que Braga d'eles se não pôde apossar, como aliás fez a tudo o mais, gentes, propriedades e bens, que a seu socio pertenciam e que Thereza nunca pôde rehaver para a filha, não obstante saber bem o que a seu amante pertencia e varias tentativas ter feito nesse sentido...»

O DOMINGO ilustrado

Consultorios

BARREIRA DE SOMBRA

Cronicas tauromaquicas de PEPE LUIZ

A ABERTURA DA EPOCA — D. ANTONIO CAÑERO E SEUS COMPETIDORES — "FACULTADES" EM LISBOA — A CORRIDA DE BADAJOZ

Está proxima a abertura da epoca taurina nos paizes onde tal diversão é adoptada com o interesse proprio das papulações aficionadas. Quer no sul da Europa quer na America, este genero de espectaculo vai progredindo duma forma significativa, toda ela obedecendo a factores de ordem tradicional e artistica. Assim é, que varios astros da tauromaquia, vão aparecendo com enovações e aperfeiçoamentos que ilustram sobremaneira uma Arte em que a beleza acompanha a valentia.

Bem avisado está o «Domingo Ilustrado» em criar uma secção, onde a multidão aficionada possa encontrar as mais oportunas referencias a acontecimentos tauromaquicos dignos de serem apreciados com justa imparcialidade que é a insofismavel divisa deste jornal.

A tarefa do cronista começou por procurar informar os leitores sobre o que será a epoca que se avisinha e, para isso andou na peugada de quem de direito poderia fornecer os necessarios elementos.

Estava indicado em primeiro logar o activo emprezario J. Segurado. Fomos topá-lo á porta da escada do seu escritorio, dando despacho a varios assuntos. Os homens praticos não olham a instalações, basta que disponham dum cérebro bem organisado.

—Que me diz da futura epoca?

—Todas as melhores esperanças que ponhamos nas funções taurinas, são desvanecidas pela avalanche dos mpostos que constituem uma excepção para o unico espectaculo que tem o cunho portuguez. Carcule que a toda a especie de contribuições, licenças e selos, é adicionado o pagamento de 15 % da receita bruta quando trabalhem dois artistas estrangeiros. Isso não acontece nos Circos de Variedades nem nos Campos de Foot-Ball, onde por vezes a afluencia e enormissima.

—Dificiencia de legislação...

—Fartura de leis, que em muitas casos prejudica os interesses do Estado e quasi sempre os dos artistas, empreza e o publico porque impedem a organisação de maior numero de bons espectaculos.

Vencida a primeira *etape*, urgia alcançar a segunda: os organisadores das duas corridas de abertura do Campo Pequeno.

—Será desta feita que o alfacinha verá o *caballista* Cañero?

—Garantido. Ainda ha pouco D. Antonio esteve em Lisboa a visitar a praça que foi examinada detidamente, inclusivé o redondel, cuja area foi classificada pelo artista em questão, de superior a outras onde já tem trabalhado.

—Optimo. E a respeito de *cartel?*

—Na tarde de 29 de março: Cañero, Simãosito e Nuncio, com touros de Emilio Infante; e, na de 5 de abril, Cañero e Simãosito (a cavalo e a pé) com touros de Emilio e de Coimbra.

—E Antonio Luiz Lopes?

—Não vai porque não podemos satisfazer uma condição inclusa na resposta que deu ao nosso convite,

Terminado os momentos deste fugidio cavaco, impunha-se a descoberta do paradeiro de Lopes.

Encontramo-lo acariciando o pêlo do seu *ala ancha* que por sinal está um pouco *combalido* em vista da batega de agua que apanhou no carnaval. Lastimamos a sorte do *sombrero* e disparámos:

—Fala-se que o Lopes fez exigencias?

—Sou o mais razoavel possivel. Não pretendo ganhar mais do que os outros cavaleiros. Desejo apenas que satisfaçam um pedido meu, tal como fizeram aos dos colegas que vão trabalhar.

Tenho interesse que D. Antonio Cañero se apresent nas cortezias ao lado dos cavaleiros portuguezes, sejam aquelas feitas á portugueza ou á espanhola. Não é pedir o impossivel, porque Cañero já o fez, comigo, em Cordova e com os Veigas em Badajoz. Os organisadores opõem que Cañero não quere *hacer passeo*.

Corrida esta lebre, tomámos o rumo dos *mentideros* taurinos, onde reside o ambiente que comnosco colabora no complemento da missão a que nos impuzemos.

O sussurro do café, o fumo de cigarros que se evola em indifinidas direções, o deslizar continuo dos creados, emfim, vestigios duma vida que se agita enquadrada pela impenitente cavaqueira e salpicada, por vezes, pela invectiva politica ou pela blague provocadora de estridulas gargalhadas.

Abeiramo-nos duma mesa hexogonal que comportava o numero de cavaqueadores correspondenlados do dito movel.

Na condição de *extra*, registamos varias passagens acaloradas, em especial na parte em que se discutia a personalidade de Cañero a quem a maioria apelidava de mistificador da arte de Marialva, emquanto os restantes constatavam que, o discutido artista na qualidade de oficial de cavalaria do exercito espanhol jé... um regular toureiro... a pé!...

* * *

Quiz o acaso que encontrassemos o simpatico artista Francisco Peralta «Facultades» que se encontra de passagem em Lisboa, a mesma cidade que imensas vezes tem apreciádo o seu perfeitissimo trabalho em tantas tardes de sol luzente.

Na companhia do novilheiro «Romito» e do seu «mozo de pá», Francisco Peralta vem passar uns dias em casa dos cavaleiros Veigas, em Montemór, e na de Pinto Barreiros onde vai «tentar» a novilhada.

Alegra-me muito a campina portugueza — diz o artista — onde vejo o reflexo puro da beleza da minha Andaluzia.

— Muitos contractos?

—Para uma boa parte da epoca já tenho alguns compromissos tomados. Trabalharei nas principais praças de Espanha e França, e, em Portugal, colaborarei com os meus amigos Veigas, na tarde da sua festa.

— Onde inicia a temporada?

— Em Badajoz, na tarde de 8 ou 15 de Março, no beneficio da familia de Zurito, alternando com «Saleri», «Marcial», «Cañero», «Sanchez Mejias e «Algabeño», apresentando-se os trez ultimos a cavalo.

Aqui fica o aviso para os bons aficionados.

* * *

Para terminar informamos os leitores de que o distincto amador Artur Alves Ribeiro acaba de adquirir a praça de touros do Porto onde conta na futura epoca realizar luzidos espectaculos.

Na proxima corrida de 5 de Abril no Campo Pequeno toma parte um grupo de forcados amadores que na passada temporada marcou pela desmedida valentia e apreciavel união com que trabalhou em varias praças do país.

PÉPE LUIZ

PEPE LUIZ

Antigo cronista tauromaquico dos «Sports», Imprensa da Manhã», «Imprensa Nova» «Capital» e que dirige a secção da especialidade no «Domingo Ilustrado».

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 6

Por G. H. Langham, 1.º premio

Pretas (6)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do Problema n.º 5

T. 3. T. R.

Resolveram os srs. Nunes Cardoso, David Benoliel, F. Mendonça, Martinho da Rocha, dr. Damas Móra, tenente Alves (Tomar), Jorge Pereira Beja e Souza, Sequeira Ramos, Gomes de Pina e Afonso Moutinho.

Recebemos o n.ºs 4 e 5 do Jornal *Le Soleil de Marseille* com uma secção de xadrez interessante que publica umas partidas curiosas na qual cada jogador faz dois lances de cada vez, salvo quando dá cheque. Neste caso joga só uma vez.

A VARICELLA

Contra o que muita gente julga, a varicella não tem nada de comum com as bexigas. E' uma doença diferente, cujo agente ainda não é conhecido. Tem de caracteristico que a sua erupção vem por ondas sucessivas, e não por uma vez só, como outras febres eruptivas. Assim, olhando para o peito e costas duma creança com varicella veem-se as bôlhas da erupção em diferentes estados de desenvolvimento, mas apenas em principio, outras formando já vesiculas, outras com crôsta, outras já a secarem. No sarampo, por exemplo, todas estão no mesmo gráu de desenvolvimento.

A varicella aparece em geral só até aos 10 anos, e é muito contagiosa, não só pelo doente como por terceira pessoa, que não esteja atacada. A sua evolução é benigna, raras vezes se complica de doença dos rins ou da pele. Isolar os doentes rigorosamente, não deixar outras creanças aproximarem-se ou tocarem objectos tocados pelo doente, até que todas as vesiculas estejam secas, e chamar o medico logo de principio.

(As consultas devem vir acompanhadas da importancia de um escudo para os nossos pobres).

JOÃO FREDERICO—Agradecemos em nome dos nossos pobres. O seu habito é normal na sua idade. Nada de drogas, nem duches, nem de electricidade, porque não se trata duma falta, mas sim duma perturbação passageira. Procure normalisa-la insistindo na experiencia semanal que diz ter feito—e verá que se emenda!

UM ASSUSTADO — Não precisa revacinar-se porque a sua ultima vacinação, que pegou, foi feita ha tres anos, segundo diz.

SARAMPO — Se essa creança o tem já, faça imediatamente o tratamento aos irmãos para o evitarem. Dirija-se a bom especialista de creanças que deve conhecer o assunto.

LEONILDE — Para as frieiras túdo isso é bom e nada presta. Agora estão em moda, e com razoaveis resultados, os raios ultra-violetas.

O MEDICO DO DOMINGO ILUSTRADO

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zépêdro*).

QUADRO DE HONRA

A. M. Trigo — AROS

FONTELISIO

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 4.

Decifrações das produções publicadas no numero 5.

Enigma: Decifração.
Charada em frase: Photometro.
Logogrifo: Domingo Ilustrado.

ENIGMA

O enigma que apresento
De facil decifração
Formado com sete letras
Dá-nos esta conclusão:

A quarta, quinta e segunda
Com setima a terminar,
Serão quatro? — Não!... São menos,
Não vos desejo enganar.

Juntando a terceira á sexta,
Pode ser grito ou lamento;
A primeira em A. B. C.
E' buscada n'um momento.

Não vos deixo, sem primeiro
Lhes indicar o conceito,
E' um nome de mulher
Que muito préso e respeito.

LAMEGO — Foutelisio

CHARADA EM VERSO

A "Rei do Orco"

Se é tão grande o seu saber—1
Diga-me o que ha de anormal
Num pedinte que não vê—2
Este pequeno animal?

REI FERA

CHARADAS EM FRASE

Especie de enxada que o caridoso traz em constante giro—2—2.

VIOLETA

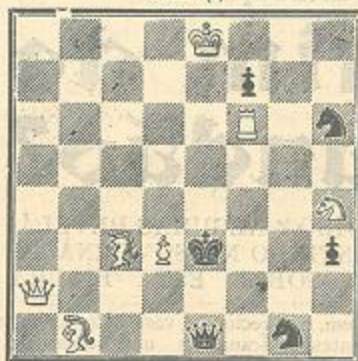
INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director, e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a aída dos respectivos numeros.

Pagina Feminina

Carta de Paris

A moda na proxima primavera

Nem sempre é facil dizer em poucas palavras a tendencia da moda, visto como ha por vezes mil detalhes que tomariam um espaço muito grande relativamente ás dimensões desta secção.

Todavia, depois de havermos examinado uma enorme quantidade de modelos para a proxima primavera, quer-nos parecer que conseguimos apurar algumas ideias que são a tendencia actual da moda. As mais caracteristicas são as seguintes:

As saias vão fazer-se ainda mais curtas do actualmente e completamente estreitas... Vêm-se sobre elas efeitos de «godets», obtidos por vezes por um volante com prova, extremamente gracioso...

Os bustos continuam a não existir...

Os vestidos de musseline ou de crépes estampados lembram uma montanha de rosas, em junho.

A côr «beije» tomou posse quasi completamente da moda.

Grand «chic» é as mulheres usarem ligas em diamantes. Para vestidos de «soirée» ha muito quem use (quando tem os cabelos cortados) um «chigon» de strass, fixado um pouco acima da nuca.

Finalmente, a expressão «é a mulher que traz os calções...» não é uma frase sem sentido. Notam-se autenticos calções compridos por debaixo das saias de sport, as quaes se levantam por vezes mais do que é conveniente... E' preciso pensar no perigo masculino... e nos olhos.

Cosinha scientifica

Em Portugal estas coisas (como muitas outras) andam tão descuradas que chegam a parecer extravagancias taes noticias. Mas vamos dal-as para que se veja o cuidado com que em

França se vive. Se é hoje em dia admitido que as raparigas devem ter conhecimentos literarios e scientificos como os dos homens para lhes permitir o acesso a carreiras que lhes eram antigamente fechadas, isso não impede que se procure fazer dessas raparigas d'hoje futuras donas de casa perfeitas, e mesmo mais completas do que as antigas.

Assim em França ha na maior parte das escolas e liceus cursos de cosinha. Todavia, como ainda não satisfazem, o doutor Eduardo de Pomiane, do Instituto Pasteur, procurando as applicações fisicas e chimicas de todos os fenomenos que se produzem durante o cosinhado dos alimentos, foi levado a crear uma nova sciencia, a «gastrotechnia». E esta sciencia é ensinada por ele-proprio no Instituto de Higine alimentar. Em quatorze lições, o Dr. de Pomiane inicia nos misterios da cosinha as jovens doutoras que frequentam o seu curso.

Não é preciso mais para que as suas discipulas sejam familiarisadas com os principios fisicos dos diversos cosinhados, que elas aplicam em seguida á confecção de pratos variados, sob o olhar vigilante do mestre.

Nos dias de curso, os discipulos tomam as

suas refeições na escola e comem os pratos por eles confeccionados, sob a presidencia do doutor, que completa assim a sua lição.

O ensino pratico do Dr. Pomiane é completado por trez lições d'outro sobre á cosinha para doentes, mais trez do chefe dos serviços veterinarios sobre a compra das materias primas, carnes, peixes, conservas, legumes; e ainda mais trez doutro professor sobre as relações da cosinha com a sociologia.

E' um curso admiravel e extremamente pratico, como se vê. Quando teremos em Portugal coisa que se pareça com isto?

Créme de cacau

Maceram-se durante quinze dias, em meio litro de alcool retificado a 90.º, duzentas gramas de cacau. Passado este tempo faz-se um xarope de assucar, com 1 kilo de assucar e um quarto de litro d'agua.

Depois de estar o xarope bem resfriado, junta-se á maceração do cacau. Perfuma-se com 10 gotas de tintura de baunilha e em seguida deixa-se tudo n'um frasco ou pote bem fechado durante oito dias, filtra-se e mete-se em vasilhas.

O rosto oleoso

E' bem conhecida da maior parte das senhoras morenas essa incomoda oleosidade da pele do rosto, que elas disfarçam constantemente com pó d'arroz, mas que teimosamente volta a surgir dali a pouco.

Em geral, as morenas são mais atacadas disso do que as loiras, o que não quer dizer que não haja loiras que não sofram e muito dessa seborreia.

Essa verdadeira doença da pele tem varias causas. Mas a mais vulgar é o mau funcionamento do ventre, o qual deve andar sempre muito cuidado pelas senhoras, se quizerem ter uma bela cutis.

Como cuidado local, deve-se evitar o uso de crémes, os quaes só convêm ás senhoras que têm a pele sêca. O melhor tratamento conhecido para evitar essa oleosidade é todas as noites passar pelo rosto um pouco de algodão embebido em «Leite Antefelico Marya»: e pela manhã, depois de lavar o rosto, passar um pouco de «Agua Nupcial», a qual segura o pó d'arroz tão perfeitamente como qualquer créme e aperta os póros da pele. Por este processo obtem-se uma excelente cutis. E' claro que este tratamento é necessario fazer-se sempre, todos os diias, pois de contrario a oleosidade voltará.

Os pyjamas

Este vestuario ligeiro, do qual damos alguns modelos muito elegantes, tornou-se tão indispensavel que, mesmo á hora do «lunch» algumas senhoras pouco observadoras da tradição o conservam vestido e recebem os seus intimos com ele.

Ha anos não se trazia o pyjama senão ao saltar do leito, emquanto se liam os jornaes ou se estendiam as mãos á manucure. Hoje conserva-se muitas horas do dia, mesmo quando se trabalha em casa, que isto dos creados está uma peste...

No verão passado, tanto em França como na Italia viam-se muitas senhoras em pyjama na praia, á hora do calor. Este inverno têm-se visto na Riviera, quando, depois do almoço, se fumam os cigarros loiros á beira mar. Para o jantar, a sós com o marido, a mulher moderna prefere ainda o pyjama ao vestido caseiro... em certos casos, pois que a uma mulher gorda não fica bem.

CELIMÉNE

Jogo das Damas

Soluções do problema n.º 5

1.ª Solução

1	31-17	32-27	
2	17-14	27-24	
3	14-10	24-20	
4	10-7	25-22	(a)
5	7-11	22-17	
6	11-7	17-13	
7	7-2	20-16	
8	2-20	13-9	
9	20-24	9-5	
10	24-1 (ganha)		

2.ª Solução

1	31-24	25-22	(b)
2	24-15	22-17	
3	15-10	17-13	
4	10-14	32-28	
5	14-27	28-24	
6	27-20	13-9	
7	20-24	9-5	
8	24-1 (ganha)		

(a)

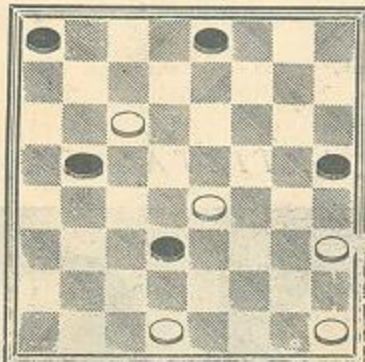
4		25-21
5	7-2	21-17
6	2-7	17-13
7	7-2 (ganha)	

(b)

1		32-28
2	24-15	25-21
3	15-10 (ganha)	

Esta numeração é a das casas pretas contadas sempre da esquerda para a direita, do lado das Brancas para o das Pretas.

PROBLEMA N.º 6

Pretas 5 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Actualidades gráficas

momento cinematografico

A CONDESSA RINA DI LIGUORO, BELISSIMA ARTISTA ITALIANA, TIPO EXPLENDIDO DE RAÇA, PROTAGONISTA DA SUPER-PRODUCÇÃO «MESSALINA» DE EURICO GUAZZONI QUE SE ESTREIA POR ESTES DIAS NO «CINEMA CONDES».

RETRATO INEDITO DE CAMILO

Explendido desenho do distincto pintor Mario Augusto que figura na exposição do grupo de artistas lisboetas, no Porto.

UM SABIO PORTUGÊS

O Dr. Teixeira Guedes, notavel professor e latinista eminente, figura de relevo no magisterio secundario e reitor do liceu de Faro, falecido recentemente.

A casa onde nasceu Camilo Castelo Branco segundo um quadro do distincto pintor Sr. Mario Reis

SEIS ARTISTAS DE LISBOA VÃO AO PORTO

Os noveis e distinctos artistas Srs. Varela Aldemira, Mario Reis, Jorge Segurado, Paulino Montez, Mario Augusto e Fernando David, que vão ao Porto fazer um "salon" com as suas obras no atrio da Misericordia desta cidade. Auguramos um exito a este empreendimento que hade marcar na vida artistica da capital do norte.

PUBLICIDADE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,
Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.
O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A miseria em Lisboa

Em plena escadaria do Teatro Nacional, desde as primeiras horas da manhã, contrastando com a severa e nobre arquitectura do edificio, indigentes de repugnante aspecto instalam-se tranquilamente. É uma crápula na fisionomia da cidade que esta pagina fóca em flagrante e que urge fazer desaparecer